

Comentário de Livro

Quando a psicoterapia trava

Organizadora: Marina da Costa Manso Vasconcellos

Autores: Marina da Costa Manso Vasconcellos e colaboradores

Prefácio: Antonio Carlos Cesarino

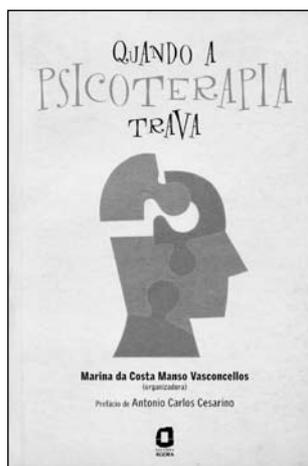
São Paulo: Editora Ágora, 2007

ARTHUR KAUFMAN

Professor doutor do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Recebido: 14/5/2009 – Aceito: 21/5/2009

Kaufman A/ Rev Psiq Clín. 2010;37(5):240



Este livro, recomendado basicamente a psicoterapeutas, foi escrito por 12 conhecidos profissionais que militam na área da psicoterapia de orientação psicodramática. São eles: Marina da Costa Manso Vasconcellos, Alexandre Saadeh, Christina Freire, Heloisa Junqueira Fleury, Márcia Almeida Batista, Maria Amália Faller Vitale, Mário Costa Carezzato, Milene de Stefano Féo, Moysés Aguiar, Rosa Cukier, Sergio Perazzo e Wilson Castello de Almeida.

Aborda de forma leve, porém aprofundada, diversas situações que ocorrem nos processos psicoterápicos em que terapeuta e cliente percebem que o processo, anteriormente bastante produtivo, está agora estagnado. Trata-se normalmente de um cliente tímido, em geral silencioso, que espera sempre a iniciativa do terapeuta e frequentemente se limita apenas a responder às perguntas dele.

O *fazer psicoterápico*, segundo Antonio Carlos Cesarino, prefaçador da obra, “é parte importante dos recursos que certa parcela da população pode utilizar como busca de solução ou, pelo menos, de diminuição de um sofrimento”. O livro trata, então, de diferentes posturas que os psicoterapeutas utilizam em relação ao cliente que voluntariamente resolve tratar de sua vida emocional, por meio de um processo longo, caro, por vezes doloroso, mas que não consegue “colaborar”, isto é, que durante as sessões mostra-se “travado”.

O *cliente travado*, segundo Marina C. M. Vasconcellos, autora e organizadora, é “aquele cliente silencioso, reticente, extremamente tímido, que depende do estímulo constante do terapeuta para que

algo aconteça na sessão. Ele quer fazer terapia, mas não sabe como conduzi-la, percebe sua necessidade, mas depara com grande dificuldade de expressar-se, talvez por total falta de autoconhecimento ou noção do que trazer para trabalhar em uma terapia”. O objetivo do livro, segundo ela, “é explorar as diferentes situações de *travamento* do processo psicoterapêutico”.

Alguns dos temas abordados pelos diferentes autores do livro são: a) a assimetria da relação terapêutica; b) o contrato; c) a transferência; d) a resistência; e) a “experiência conjunta” de terapeuta e cliente; f) a subjetividade de terapeuta e cliente; g) a vergonha e o medo; h) a passividade do cliente; i) a ansiedade dos terapeutas jovens; j) o “travamento” em sessões de casais e famílias; k) o “paciente perfeito” (aquele que não dá trabalho, diz o que deve ser dito, melhora sem dificuldades etc.); l) o “paciente difícil”; m) o “paciente camaleão” (que aprendeu na vida a mimetizar-se, atuar de acordo com o esperado); n) o “somatodrama” (vivência psicossomática); o) a tênue fronteira entre o pessoal e humano de um lado e o profissional e técnico de outro; p) o “diálogo terapêutico”, com a visão fenomenológico-existencial da relação de ajuda psicológica.

Enfim, um livro de leitura leve, indicado não apenas para psicoterapeutas iniciantes, mas também para todos aqueles que trabalham com a ciência e a arte da psicoterapia, tanto em consultórios particulares como em instituições, onde é maior ainda o abismo sociocultural que existe entre a figura do psicoterapeuta e a do cliente.